

Os Sentidos do Trabalho na Revista Vida Simples¹

Carolina Fabris FERREIRA²
ESPM, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo avaliar como o “trabalho” aparece na Revista Vida Simples. A escolha da palavra a ser explorada e do corpus foi justamente analisar as tensões que podem existir de uma palavra forte na ideologia capitalista e neoliberal estar presente em reportagens de uma revista que se autodenomina como facilitadora de uma vida equilibrada em busca de uma sociedade melhor. Com isso, a partir de um levantamento de como o “trabalho” aparece nas capas de todas as edições da revista de 2002 até 2017, foram selecionadas duas reportagens, uma de 2005 e outra de 2015, para análise. Através da análise de discurso foi possível perceber que a palavra trabalho aparece fortemente relacionada com felicidade e, para gerar essa relação, são mobilizadas diferentes vozes e recursos. O discurso identificado busca inculcar no indivíduo que ele é o principal responsável para atingir felicidade na vida e o trabalho é o caminho.

PALAVRAS-CHAVE: análise de discurso, trabalho, felicidade, revista Vida Simples.

1. INTRODUÇÃO

Fiorin (1998) já afirmou que numa formação social existem dois níveis de realidade, um que corresponde a essência e outro a aparência. Dessa forma, um mais profundo e não visível e outro mais superficial. Exemplificando essa situação, o autor traz a questão do salário, no qual no nível superficial seria o pagamento de um trabalho realizado partindo do pressuposto que todos os homens são iguais e livres. Indo mais fundo, porém, é possível verificar que não existe uma troca igualitária e que o operário está vendendo sua força de trabalho. Dessa forma, o salário, quando aparece como o pagamento do trabalho e não da força de trabalho, não deixa evidente a distinção entre “tempo e trabalho necessário” e “tempo não pago”. Parecendo uma troca igualitária o que na sua profundidade são relações de exploração (FIORIN, 1998).

Essas representações que justificam e explicam a ordem social são denominadas comumente por ideologia. Importante destacar que essa visão de mundo não existe sem uma vinculação com a linguagem. Cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, existe

¹ Trabalho apresentado no GT 7 – Comunicação e Mercado, do PENSACOM BRASIL 2018.

² Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo na ESPM/ Mestre em Administração pela UFPR e Mestre em Administração Pública pela FGV. E-mail: carolina.fabris@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

sempre um discurso dominante, ou seja, uma ideologia dominante, uma classe dominante (FIORIN, 1998).

Para entender o discurso, é importante entender a dimensão da palavra dentro dele. A palavra é um signo verbal que “solidifica” a prática social de um grupo, de uma classe social, de uma sociedade. Engloba o passado por conter nela todas as ideias desenvolvidas pela sociedade para chegar até o presente. A palavra em si possui história, ela permite a construção, elaboração e reelaboração de ideias. Por isso abarca o presente e o futuro (BACCEGA, 2007). Por isso é importante estudar as relações da palavra com as formações ideológicas, discursivas, com as condições de produção do discurso. Ou seja, conforme aponta Baccega (2007), se preocupar com a palavra dando-se e não apenas com a palavra dada.

Partindo desses pressupostos, este artigo foca na palavra “trabalho”. Usando a análise do discurso, tem como objetivo mapear na revista Vida Simples a construção de sentidos sobre “trabalho”, a fim de identificar as formações discursivas e ideológicas presentes.

Para isso, partiu-se do referencial teórico da análise do discurso e foi feito um levantamento das capas da Revista Vida Simples desde sua criação em 2002. A partir desse quadro, foi analisado como a palavra “trabalho” estava presente, sendo escolhidas duas reportagens, sendo uma do ano de 2005 e outra de 2015.

A escolha desse corpus se deu pela curiosidade de verificar como uma revista que se intitula com o objetivo de auxiliar o sujeito contemporâneo na busca por uma vida e sociedade melhor, pode apresentar em seu conteúdo um discurso com itens relacionados à manutenção do mercado, ao trabalho e até mesmo o discurso neoliberal característico da sociedade atual.

2. PALAVRA, SENTIDO, DISCURSO E IDEOLOGIA

Na sociedade existe uma dinâmica de discursos, nos quais surgem discursos novos, outros se cruzam, se anulam, se completam, alteram significados. Nessa dinâmica as pessoas estão inseridas e, através dos seus universos constituídos também por seus discursos, “recebem” essa rede de discursos e significados (BACCEGA, 2007).

Neste artigo a palavra é entendida como um signo neutro, um signo puro e o material flexível para a consciência se desenvolver. Qualquer função ideológica pode preenchê-la. (BAKHTIN, 1981). A palavra é uma prática social solidificada (BACCEGA, 2007) e “a palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa” (BAKHTIN, 1981). Portanto, estudar a palavra envolve estudar signo, discursos, ideologias.

As palavras carregam um sentido ideológico e vivencial. Elas despertam ressonâncias ideológicas e são compreendidas e provocam reações por conta dessas ressonâncias (BAKHTIN, 1981). Pretende-se com este artigo entrar nesse emaranhado para analisar os sentidos da palavra “trabalho” em uma revista cujo o título é “Vida Simples”. Essa análise passa pelo entendimento que o sentido de uma palavra “nasce”, se produz a partir de mudanças sociais, novas teorias, novos conteúdos, novas ações humanas. Processo que se passa no cotidiano, podendo ser lento ou acelerado dependendo do momento histórico. Outras vezes, teorias científicas podem impregnar as palavras de novos sentidos. (BACCEGA, 2007).

Analisar esses sentidos auxiliam a entender os discursos de máscara impostos pela sociedade, máscaras ditadas pela ideologia (BACCEGA, 2007). A língua não é apenas uma forma de transmitir informações, ela engloba movimento da sociedade, é lugar de conflito. Conflitos que se concretizam nos discursos, que trazem as diferenças de interesses, as diferentes direções para um mesmo processo histórico (BACCEGA, 2007).

3. O CORPUS: REPORTAGENS SOBRE TRABALHO NA REVISTA VIDA SIMPLES

Orlandi (2001) argumenta que um dos principais pontos a considerar na análise do discurso é a constituição do corpus, decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas.

Essa pesquisa parte da análise das reportagens sobre trabalho da revista Vida Simples. Antigamente era possível encontrar em seu site uma descrição do que a revista se propunha: uma homologação entre “uma vida melhor” e “simplicidade” direcionada “para quem quer descomplicar o seu dia a dia, transformar sua casa num lugar mais tranquilo e gostoso, trabalhar com mais alegria, cuidar da aparência sem descuidar da essência” (PERFEITO, 2016).

Em julho de 2014 a revista mudou da editora Abril para a Editora Caras (PERFEITO, 2016) e atualmente em seu site não é possível achar uma descrição completa do seu propósito. Porém, ao consultar as redes sociais é encontrado que ela se define no Facebook como “uma revista mensal sobre estilo de vida, sociedades melhores e relações mais éticas.”³ e voltada para um

³ https://www.facebook.com/pg/revistavidasimples/about/?ref=page_internal

público específico, conforme destaca no Instagram: “uma revista para quem quer viver mais e melhor”⁴.

Sua primeira edição foi em agosto de 2002 como um suplemento especial da revista Superinteressante, adotava como lema “Para quem quer viver mais e melhor”, e naquele momento ela já se apresentava como “um guia completo para conquistar paz interior”. Em setembro de 2003 a revista Vida Simples se tornou autônoma com perfil editorial e equipe de redação própria, e passou a ser encontrada, segundo o Grupo Abril, na categoria Saúde e Bem-estar (PERFEITO, 2016).

Alguns autores que já analisaram essa revista com outras perspectivas chegam a considerá-la como um momento de terapia, no qual a chamada da matéria de capa já aborda soluções para determinadas dificuldades do leitor, por exemplo: “Sua grama também é verde: para que ficar comparando a cor da grama em vez de deitar nela e aproveitar? Saiba perceber o que a vida lhe oferece de bom” - edição de junho de 2013 (PERFEITO, 2016).

Entre os temas explorados pela revista, de modo geral, estão: questões de “espiritualidade”, “conhecimento próprio”, “sabedoria”, “reflexão” e “superação”, trazendo em todas as edições uma matéria de capa cujos temas versam sobre “amor”, “bom-humor”, “trabalho”, “coragem”, “medo”, “fé”, “confiança”, “liberdade”, “ansiedade” e “mudanças de vida” (PERFEITO, 2016).

Para chegar ao corpus especificamente, inicialmente foi feito um levantamento de todas as reportagens que aparecem nas capas da revista desde seu surgimento (2002) até 2017. A revista sempre conta com uma reportagem principal na capa e mais 3 secundárias. Nessa coleta, 16 reportagens tinham a palavra trabalho, mas 3 dessas foram descartadas devido o trabalho aparecer como tema secundário. Interessante que já na segunda edição da revista o trabalho já era tema na capa.

Como panorama de como a palavra trabalho aparece nas capas da revista, a partir dos títulos das 13 reportagens consideradas, elas foram agrupadas em temas similares, sendo eles: (a) trabalho e felicidade – 7 reportagens, (b) trabalho e simplicidade/equilíbrio – 4 reportagens (c) trabalho e crenças/sentido – 3 reportagens e (d) trabalho relacionado com profissões e sonhos – 1 reportagem.

Essas temáticas encontradas já valem uma reflexão sobre como o trabalho aparece nas capas de uma revista que almeja auxiliar as pessoas na busca de uma vida e sociedade melhores. Partindo do pressuposto que ela se propõe a ajudar às pessoas, essas temáticas deixam

⁴ <https://www.instagram.com/vidasimples/>

subentendido temas que seus leitores buscam direcionamento. Dessa forma, entende-se que: (I) existem muitas pessoas infelizes no trabalho, (II) existem muitas pessoas dedicando muita parte da sua vida ao trabalho, não tendo equilíbrio na vida e (III) existem pessoas que não veem sentido ou não estão com seu trabalho alinhado com suas crenças.

Feito essa contextualização e a partir desse panorama, duas reportagens foram escolhidas para a análise do discurso. O critério foi analisar as duas **principais** de capa em que o tema apareceu. São elas: “O lado bom do trabalho - mais que uma obrigação, trabalhar pode ser um prazer. Saiba como tirar satisfação e felicidade do que você faz (e veja com outras cores essas preciosas horas do dia)” (Edição 27, abril de 2005) e “De bem com o trabalho - é possível encontrar prazer naquilo que se faz e, assim, ter uma vida mais plena e feliz” (Edição 162, setembro de 2015). Nas figuras a seguir, as capas dessas duas edições são expostas.



Figura 01: capa da revista de abril de 2005



Figura 02: capa da revista de setembro 2015

Antes de partir para a análise do discurso das duas reportagens, é importante contextualizar as edições que elas estão presentes. Na edição 27, de abril de 2005, além da reportagem de capa principal que será analisada, a revista apresentava em sua capa mais três reportagens, uma que abordava dieta, outra respiração e outra liberdade de viajar. Também anunciava itens como: a mentira tem pernas curtas, faça da cidade sua casa, receitas de paz, o prazer de aprender e jardinagem. Na carta ao leitor, Rodrigo Vergara, o redator chefe, enfatizava todos os envolvidos na edição (repórter, editor, design) destacando que a revista é o espelho deles e ela traz a felicidade que eles encontram no trabalho que será o tema central da edição. Termina afirmando: “Trabalho é e sempre será uma obrigação. Então, se é inevitável, melhor relaxar e curtir” (VIDA SIMPLES, ed. 27, abril de 2005, p.8).

Já na edição 162, de setembro de 2015, além da reportagem principal de capa sobre trabalho, as outras que são destaques abordam controle, chocolate e a dor da alma. Na carta ao leitor, escrita pela editora Ana Holanda, ela destaca como título “O que você vai ser quando crescer?”. Ana relata como foi seu processo de escolha da profissão e coloca que, após 20 anos como jornalista, ela percebe que pode sempre mudar: ser jornalista hoje, amanhã escritora, aos 70 pesquisadora, culinária ou artista. Coloca que gostar do trabalho depende de você, do que é capaz de crer. Termina enfatizando: “Por mais piegas que isso pareça, a verdade é que seu caminho é só você quem faz. Então acerte o passo e seja feliz” (VIDA SIMPLES, ed. 162, setembro de 2015, p4).

4. ANÁLISE DO DISCURSO

Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2001). Esse tipo de análise ajuda a desvelar as camadas e perceber quão rica é a construção de sentidos por meio da ideologia que está entranhada na linguagem (DANTAS, 2015).

Sobre a primeira reportagem, na parte interna, aparece com um título diferente do da capa: “Oba, segunda-feira! – Não precisa chegar ao ponto de comemorar a hora de trabalhar, mas dá, sim, para encarar a jornada diária de uma forma mais prazerosa e satisfatória”. Ela foi escrita por Rodrigo Vergara com reportagem de Chantal Brissac. A reportagem começa com um depoimento do escritor falando sobre seu prazer com o trabalho, mas que se tivesse mais tempo para escrevê-la, com certeza teria feito outras coisas ao invés de trabalhar. A reportagem apresenta quatro subtítulos: “O sentido do trabalho”, “Foco no processo”, “Condições de trabalho” e “Contra a corrente”.

O início da reportagem busca conceituar e contextualizar o que é trabalho. A reportagem vai se construindo trazendo em diversos momentos falas do filósofo Mario Sergio Cortella. Também apresenta dados de pesquisas consideradas renomadas, como da Universidade de Michigan nos Estados Unidos. Termina essa primeira parte com o trecho transcrito a seguir, no qual coloca como seu objetivo trazer o lado bom do trabalho:

“Bom, se desde que o mundo é mundo o trabalho tem um lado ruim, e se o lado ruim nem anda tão ruim, por que fazer uma reportagem a respeito? Para salvar o lado bom, que está a perigo. Empenhados em amaciar a metade espinhosa da labuta e distanciar a humanidade das condições de escravidão do passado, acabamos esquecendo a essência do trabalho. E essa lembrança anda fazendo falta na lida diária” (VIDA SIMPLES, ed. 27, 2005, p27).

Num segundo momento, no subtítulo “O sentido do trabalho”, o debate vai para o propósito. Nessa parte é interessante a quantidade de testemunhos presentes, vão desde o próprio Cortella quando era secretário de Educação até a história de um marceneiro. No outro subtítulo “Foco no processo”, o objetivo é defender que “a travessia é tão importante quanto a chegada”, para isso também se vale de testemunhos de uma caixa de supermercado e do ex-presidente da Avon. Além de testemunhos, dados de pesquisas são apresentados para destacar essa importância.

No item “Condições de trabalho”, a fala se volta para o empregador. E detalha ações, baseadas nas dicas de uma consultora. Por fim, no item “contra corrente” é apresentada uma alternativa diferente. Utilizando-se novamente da visão da filosofia, complementa com ensinamentos budistas para concluir que cada um tem poder de escolher o que acha melhor, trabalhar e consumir muito ou não. Embora ser monge ou aborígine não é bem aceito: “Mas não vá querer se alimentar com um grão de arroz por dia, como fez o Buda, ou viver pelado como os animais. Dá para viver com menos sem virar monge ou aborígine.” (VIDA SIMPLES, ed. 27, 2005, p.31).

Na segunda reportagem analisada, “De bem com o trabalho - é possível encontrar prazer naquilo que se faz e, assim, ter uma vida mais plena e feliz”. Na parte interna, o complemento é “Encontrar felicidade e a satisfação no que você faz é essencial para uma vida mais plena – mesmo fora do escritório”. O texto é de Priscilla Santos. A reportagem começa com a pergunta “Você é feliz?” e relaciona isso com o trabalho colocando como objetivo dessa reportagem: “Talvez a resposta não se resume a conciliar amor e trabalho, mas, quem sabe, encontrar um ponto onde esses universos se encontrem e tudo possa conviver em harmonia. E é esse o caminho que vamos percorrer aqui (...)” (VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.20).

Para isso, já no início traz falas de Steve Jobs, do psicanalista Pedro de Santi e do psicólogo Mario de Souza Costa. A reportagem também utiliza os depoimentos e conta com três subtítulos: “O que você deseja?”, “Labuta em alta” e “A semente que germina”.

No primeiro, o objetivo é explorar como se pode alinhar o trabalho com o que nos expressa e traz realizações. Além dos direcionamentos do psicanalista, também conta com exemplos de Lacan e de uma mãe que alinhou os desenhos que fazia com o filho com sua profissão, ela é apresentada como um case de sucesso. No item “Labuta em alta”, o discurso muda. A partir da fala de um investidor do Vale do Silício o direcionamento é que você deve investir no que faz bem: “a dica de Horowitz é que você encontre o que faz bem e invista nisso. E ele

argumenta que tendemos a gostar daquilo que nos torna bem-sucedidos” (VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.24).

A reportagem traz reflexões do filósofo suíço Alain Botton, de Aristóteles, Rousseau e Benjamin Franklin. Tudo para debater a relação entre trabalho e felicidade. Também explora a ideia da *The School of Life* e coloca falas de uma psicóloga para abordar que a pessoa é livre para encontrar sua felicidade da melhor maneira e não necessariamente através do trabalho: O que vale é ir atrás de suas verdadeiras vontades (VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.26). Nesse momento da reportagem pode-se perceber que o discurso vai se construindo de forma contraditória, alguns momentos exaltando a importância do trabalho e logo na sequência destacando que o leitor não precisa disso necessariamente.

O subtítulo seguinte, “A semente que germina”, começa com o exemplo de uma irlandesa que fotografa alimentos e tem sua história contada em um livro. Remete como a mulher juntou suas experiências e o que gostava para ter sucesso. Para isso também traz falas de uma *coaching* para debater a questão dos potenciais. E a reportagem termina focando na felicidade:

“Nessa busca é preciso lembrar, acima de tudo, que não nos resumimos ao trabalho, e que ele não é nossa única fonte de realização. O amor é tão fundamental quanto. E, para além do teto amar e trabalhar, existem tantas outras facetas que nos definem e podem dar prazer. Também somos leitores, viajantes, cozinheiros, confidentes. Agora, como disse De Santi: "Em algum lugar você tem que ser feliz". O bom é que o mundo está cheio deles” (VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.26).

Após essa explanação de como as reportagens foram se construindo, alguns pontos se destacam nos discursos delas, tais como o acionamento de diferentes vozes (como a filosófica e científica) e a grande presença de testemunhos. Esses dois pontos serão explorados na sequência em conjunto com os sentidos encontrados para o trabalho e o que é ou não dito sobre ele.

4.1 Os sentidos do trabalho, sinônimos e estereótipos

Para definir e atribuir sentidos ao trabalho os discursos das reportagens passam por uma relação com história e religião. Em uma das reportagens analisadas chega a relacionar que se estivéssemos falando da época da escravidão, trabalho teria o sentido de punição e fardo. Se estivéssemos falando da Grécia, o trabalho manual seria depreciado pela elite. Também diferencia a conotação de trabalho entre o oriente e ocidente, colocando que no oriente o trabalho tem uma relação com punição divina e relaciona com a história bíblica de Adão. O trabalho é apresentado como uma **diferenciação** do ser humano: “Trabalho é o que eu sou, é o

que você é" e "Em outras palavras, é o que nos faz humanos, é o que nos distingue de outros animais" (VIDA SIMPLES, ed.27, 2005, p.25).

Ao longo das reportagens analisadas alguns sentidos atribuídos ao trabalho estão relacionados com: obrigação, felicidade, propósito, amor, natureza humana, forma de diferenciação, criatividade, forma de realização, forma de transformar o mundo, algo que tenha sentido, tem uma relação com o processo em si e não com um resultado final. Também é apresentado através de uma analogia com brincadeira, tem que ser algo agradável e satisfatório.

De todos esses sentidos, o que é mais reforçado é a **felicidade**, os discursos das duas reportagens fazem uma forte relação entre esse tema e trabalho. Mas é importante destacar que na reportagem de 2015 a relação passa a ir além da felicidade e colocada no **amor e propósito de vida**. Também se nota uma maior responsabilização do indivíduo nesse processo de busca de felicidade e amor através do seu trabalho, responsabilização que aumenta de 2005 para 2015.

Detalhando mais a **felicidade** é interessante que o próprio título das reportagens já remete a isso, em um caso a felicidade aparece quando se mostra que existe um lado bom nisso. Na segunda, a mensagem já é mais direta, a pessoa pode buscar a felicidade no trabalho, alinhar o que lhe dá prazer com trabalho. Alguns trechos com exemplos: "trabalho alimenta o espírito e é um dos requisitos da felicidade" e "traduzindo: seria impossível ser feliz sem pegar no pesado" (VIDA SIMPLES, ed.27, 2005, p.25). Mesmo quando atribuem uma relação de trabalho com **obrigação**, é feito um contraponto com a relação de algo que dê prazer.

Na reportagem de 2015 o discurso do trabalho já vai além da felicidade e passa a ser relacionado com **amor**: "Amar é construir uma história com alguém. Trabalhar, no mesmo sentido, também é uma forma de realização" (VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.20). E relaciona que a única maneira de produzir um excelente trabalho é amar o que se faz e que isso deve ser uma busca constante. Nesse sentido é importante saber o que se ama. E, mais do que isso, trabalho passa a ser relacionado com você encontrar o que faz bem e investir nisso: "O que há em você e pode ser útil lá fora?" (VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.22).

Nesse discurso parece surgir a necessidade de **propósito** de maneira mais forte que em 2005. A cobrança para o indivíduo é ainda maior, o trabalho não deve ser apenas algo que se ame e faça bem, ele deve também "nutrir boas relações e gerar impacto na sociedade".

Ainda sobre os sentidos atribuídos ao trabalho, foi apontado como as reportagens se utilizam de diversos **depoimentos** para ilustrar as ideias que apresentam. Essa quantidade de testemunhos pode ser um recurso para reforçar os **estereótipos** de trabalho que desejam

passar ao longo das reportagens. Lippmann (1972) destaca que na maioria das vezes as pessoas primeiro definem e depois veem, não acontece de ver primeiramente para depois definir. As pessoas acabam buscando na cultura o que já foi definido e colhem uma forma estereotipada.

Dessa forma, as reportagens já trazem algumas pessoas que passam uma ideia estereotipada do sentido do trabalho que está sendo pregado nas reportagens. A seguir são detalhados alguns depoimentos usados para reforçar o trabalho e felicidade, o trabalho e prazer, o trabalho e propósito.

Um dos depoimentos revela a história de um marceneiro que afirma que gosta de tudo que faz nessa profissão e é destacada a fala dele afirmando que encontrou sentido no que faz e isso lhe garantiu o sucesso de ter sua própria marcenaria. Um segundo depoimento é de uma caixa de mercado que adora o que faz e é apontada como alguém que consegue extrair aprendizado, satisfação e alegria no trabalho. Um terceiro é do ex-presidente da Avon apresentada como empresário de uma nova marca de cosméticos e que começou sua carreira como office-boy. Em todos são apresentadas frases deles apontando que estão felizes e encontram propósito no trabalho que desempenham.

Na reportagem de 2015, além da felicidade e propósito, encontra-se também um reforço na necessidade de esforço, superação e busca constante por parte das pessoas. O primeiro depoimento é de uma cabeleireira e maquiadora que antes era estudante de design. Na sua história colocam marcos importantes de sua vida atrelando a busca de sentido e felicidade. Destacam o momento que viveu no exterior, o momento que fez do hobby sua profissão e o momento que pediu demissão de uma carreira “tradicional” para fazer o que gostava. Sempre trazem elementos para afirmar que ela apresenta sucesso no que faz e destacam sua busca constante. O segundo depoimento é de uma mulher que “juntou sua experiência anterior com sua adoração pela comida para se recriar em fotógrafa de delícias”. Destacam a sua idade, apontando que aos 33 anos decidiu “arriscar”. Apontam marcos na vida dela que a fizeram repensar, como, por exemplo, a morte de sua mãe (VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.26). Um outro depoimento, o foco é mostrar como a pessoa conciliou família e trabalho. Conta a história de uma mulher que trabalhava numa ONG e quando descobriu a gravidez resolver largar tudo para se dedicar ao filho. Tentou voltar ao mercado depois de um ano, mas não conseguiu. A partir de brincadeira com o filho acabou divulgando seus desenhos. Isso se tornou um “sucesso” e passou a ser chamada para comerciais. O exemplo destaca a satisfação e felicidade, mas também a questão financeira: “Nunca ganhei tão bem e nunca fui tão feliz”

(VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.22). Embora os testemunhos vão na linha de busca de propósito, amor e felicidade, em uma das reportagens analisadas o estereótipo de um “empregão” é apresentado como: “Carteira assinada, benefícios, perspectiva de crescimento”. Após essa exploração dos sentidos encontrados, é importante destacar alguns sinônimos usados ao longo das reportagens. Nas análises das reportagens chama atenção como o termo “labuta” é usado como sinônimo de trabalho. Também se utilizam, com menor frequência: “ofício” e “pegar no pesado”. Focando no termo labuta, segundo dicionário Aurélio⁵, “labuta” é: 1 - Lidar, trabalhar muito. 2 - Funcionar ativamente e 3 - Esforçar-se, empenhar-se. É uma derivação regressiva do latim laborator, que significa lida, trabalho. Não fica muito evidente o intuito do uso dessa palavra, porém, com essa definição apresentada, o trabalho pode ser visto sendo colocado como algo que demanda esforço. E mais uma vez remete a uma responsabilização do indivíduo para isso. Sua felicidade só é alcançada através de seu esforço, só depende dele ser feliz através da “labuta diária”. E assim seguem “De volta a labuta” e em “Mais um dia de labuta”.

4.2 Formações discursivas e ideológicas

Após a apresentação dos sentidos, uma outra análise foi focada na pergunta: quem ganha voz nessas reportagens? No item anterior já foram citados alguns depoimentos que foram usados, mas um outro recurso muito utilizado no discurso da revista é o uso de análises de filósofos, líderes espirituais, psicólogos, *coaching*, entre outros. Orlandi (2001) evidenciou que as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas dependem dos sentidos que surgem a partir das formações discursivas que estão inseridas. Sendo que as formações discursivas estão representadas nas formações ideológicas (ORLANDI, 2001, p.43). Desse modo, uma mesma palavra pode ter significados diferentes quando inscritas em formações discursivas distintas. Foram identificados como mais proeminentes nessas reportagens o discurso da autoajuda e o discurso científico, tendo como pano de fundo uma ideologia neoliberal.

Iniciando pela autoajuda, vale trazer a definição proposta por Rüdiger (1996):

“O fenômeno refere-se, em resumo, ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual supra ou intramundana” (RÜDIGER, 1996, p.8)

Para o autor, a literatura de autoajuda envolve um conjunto de relatos, manuais, textos que ensinam como a pessoa pode conduzir sua vida, superar a depressão, manejar pessoas, exercitar a sexualidade, parar de fumar, perder peso, prosperar financeiramente. São práticas e

⁵ <https://dicionariodoaurelio.com/labuta>

leituras que colocam para o indivíduo descobrir dentro de si os recursos e soluções para muitos dos problemas criados pela vida moderna. É como se a pessoa tivesse dentro dela todos os recursos para alcançar o que deseja e o sucesso, tem um poder interior. (RÜDIGER, 1996).

Dessa forma, quando as reportagens trazem falas de psicólogos e *coaching* que ensinam o que fazer para ter felicidade no trabalho fica evidente como o discurso da autoajuda está presente: “um exercício que Mônica Barroso propõe é você listar as pessoas que considera bem-sucedidas e, depois, questionar se elas realmente representam seus valores” (VIDA SIMPLES, ed. 162, 2015, p.26).

Nesse sentido, REGINATO (2011), já havia alertado para alguns itens desse discurso na revista aqui analisada. Ao verificar a articulação entre simplicidade e consumo a autora identifica elementos da autoajuda, tais como: (a) chamadas da capa que colocam perguntas que buscam atrair o leitor e afirma o poder da revista em responde-las, (b) apresenta passos que devem ser seguidos, (c) apresentam receitas para se viver bem. Esses dois últimos itens podendo ser relacionados também com um discurso pedagógico apontado por Citelli (2002).

Já o discurso científico, muito presente nas reportagens analisadas, é um tipo de discurso que Citelli (2002) afirma estar relacionado com o discurso autoritário que deseja apagar algumas diferenças e fazer com que verdades de algumas instituições sejam expressas como verdade de todos. Esse discurso inicialmente tinha o desejo de guiar e ensinar. Portanto, instituições como pátria, família e escola nas figuras do governante, professor e pai eram legitimadoras dessa situação. Porém, esse discurso foi ganhando uma nova cara e hoje é despontado no discurso neutro da cientificidade e do conhecimento. É um discurso que por parecer neutro ninguém questiona.

Vários estudos científicos de universidades são usados nas reportagens para corroborar afirmações feitas por elas sobre o trabalho. Como exemplo:

“Quem anda às turras com o próprio emprego pode achar essa definição exagerada. Pois algumas pesquisas de opinião vão além e sugerem que o trabalho alimenta o espírito e é um dos requisitos da felicidade. Segundo um longo e consistente estudo coordenado pela Universidade de Michigan nos Estados Unidos, até quem perde um membro em um acidente acaba recuperando a alegria, mais cedo ou tarde. Os desempregados, não” (VIDA SIMPLES, ed. 27, 2005, p.25).

Por fim, vale destacar que esses diferentes discursos apresentam como pano de fundo uma ideologia. Já adiantado por Citelli (2002) que tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo (CITELLI, 2002, p.41).

Colocar o indivíduo como principal responsável por conquistar o trabalho que deseja e nele atingir a felicidade e propósito de vida, apresenta um alinhamento com o tom do discurso neoliberal que prega um sujeito que tem poder sobre sua vida e exerce diariamente esse seu poder de escolha. No contexto do neoliberalismo, Dardot e Laval (2016) destacam o que passa a ser importante na construção de uma relação do sujeito individual como “capital humano”. O indivíduo deve exigir sempre mais dele próprio, não existe mais autoridade externa responsável, a fonte de toda eficácia está no indivíduo: “a coerção econômica e financeira transforma-se em autocoerção e autoculpabilização” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.345).

Esses pontos apresentados também estão alinhados com a forma que a felicidade vem sendo apresentada para a sociedade conforme aponta Freire-Filho (2010). O autor afirma que na “era da felicidade compulsiva e compulsória”, a felicidade é decantada em mensagens publicitárias, acadêmicas e projetos políticos. É colocada como a “mola propulsora de todas as ações humanas, a obrigação e o direito primordial” (FREIRE-FILHO, 2010, p.13). Isso tudo dependendo apenas no indivíduo:

(...) a felicidade não se figura como cortesia dos deuses, nem como o resultado de um árduo esforço coletivo para a transformação das circunstâncias externas. (...) Tampouco dependeria, substancialmente, das ações distributivas ou assistenciais do Estado. A felicidade se insinua, no imaginário popular e científico, como um projeto de engenharia individual, orientado por uma legião de especialistas na reprogramação da mente, na turbinagem do cérebro ou no retoque da aparência (FREIRE-FILHO, 2010, p.13).

Nesse ponto que se chega às ideologias presentes como pano de fundo das reportagens analisadas, um conceito que vale ser trabalhado é “o dito e não dito”, tema do próximo item.

4.3 O dito e o não dito

Orlandi (2001) deixou claro que a condição da linguagem é a incompletude:

“Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta também é o lugar do possível” (ORLANDI, 2001, p.52).

Isso deixa uma brecha para trazer o dito e o não dito, ou seja, nos discursos há sempre muita coisa não dita que também significa. Nas reportagens analisadas o interessante é que o trabalho não é relacionado com dinheiro e capital de forma enfática. E passa distante da mais valia tão debatida na obra de Marx. Inclusive, em um dos textos analisados, a felicidade não estaria atrelada ao dinheiro, ao salário. Para isso usa como exemplo uma pessoa que trabalha no xerox:

“Certo, ele recebe salário por isso e, com esse dinheiro, pode transformar seu mundo como quiser, pode até contratar uma cozinheira e um sujeito para capinar o quintal. Dê ao rapaz do xerox um bom salário e pronto. Mas há algo sobre o dinheiro que é bom lembrar. Ele não compra felicidade. É sério. Há mais de uma pesquisa comprovando que, acima de uma determinada quantia, que dá um conforto básico, dinheiro não traz nenhuma felicidade extra” (VIDA SIMPLES, ed. 27, 2005, p.27)

Embora as reportagens se valham dos discursos do conhecimento científico trazendo filósofos, pesquisadores e “referências” no tema que abordam, as ideias de Marx, por exemplo, não são exploradas nem de outros sociólogos importantes. A questão social fica apagada. Isso remete a algumas análises feitas por Citelli (2002):

“Efetivamente, estão eles a dirigir grandes corporações, cujo fim último é o lucro e a ampliação do capital. Tais temas, porém, são pesados demais para serem compartilhados com o grande público, melhor que vivam a tirar o sono apenas dos altos executivos!” (CITELLI, 2002 p.30)

Esta análise feita pelo autor pode ser trazida para as reportagens analisadas nesse artigo. É raro uma defesa aberta do capitalismo, é uma palavra que ficou feia e associada à exploração (CITELLI, 2002), assim falar de dinheiro e mais valia ficou distante no discurso de uma revista que busca “uma sociedade melhor”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises mostraram que a palavra “trabalho” aparece com frequência na revista Vida Simples. Como reportagem principal da capa, das duas vezes que apareceu, ocorreu uma ligação muito forte com felicidade. Analisando o discurso dessas duas reportagens que tiveram esse destaque, percebe-se que a felicidade aparece inicialmente como algo possível, mas sendo ponderado que existe um lado negativo no trabalho. Já na segunda reportagem, ela aparece indo um pouco além, que para ser feliz no trabalho é preciso amar e ter propósito no que se faz.

Sobre a questão do propósito, é interessante considerar que dentro das outras temáticas encontradas nas análises das reportagens, uma delas é a que relaciona trabalho com crença/sentido. Ou seja, em algumas edições a revista difunde um discurso de felicidade que envolve ter propósito no trabalho, fato que gera outros problemas nos quais eles depois apresentam edições da revista de como “concertar” esse alinhamento.

Para construir esses discursos, quem ganha voz são filósofos, pesquisadores psicólogos, *coaching*, ou seja, há uma forte relação com o discurso de autoajuda e com o discurso científico. Por traz desses discursos percebe-se uma forte responsabilização do indivíduo na

busca do que é colocado para o trabalho: felicidade, amor e propósito. Esse fato está alinhado com a ideologia neoliberal e com o imperativo da felicidade.

Dessa forma, se estimula no indivíduo um senso de responsabilidade e se deixa muito frouxo o senso de sociedade. A revista quer ajudar o indivíduo a ter uma vida melhor, mas essa vida melhor passa pela felicidade no trabalho que só depende dele próprio. Já a sociedade melhor que a revista busca ajudar a construir, acaba se perdendo nesse discurso voltado mais na receita para o indivíduo trabalhar sem questionar o que pode estar por trás de toda essa busca de amor, sentido e prazer no trabalho.

As análises nesse artigo foram para esse viés de múltiplos discursos, sentidos, testemunhos, mas é sabido que a análise de discurso é inesgotável. “Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (ORLANDI, 2001, p.62). Dessa forma, esse estudo é apenas um pequeno passo no objeto analisado que permanece para novas abordagens, não se esgotando aqui.

REFERENCIAS

- BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso: história e literatura**. SP: Ática, 2007.
- BAKHTIN, M. **A interação verbal**. In: BAKHTIN, M.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2ed. SP: Hucitec, 1981.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- DANTAS, Silvia. **Apresentação em Estudos de comunicação e análise do discurso: teoria e prática**. In: BACCEGA, Maria (Org.). *Estudos de Comunicação e análise do discurso: teoria e prática*. São Paulo: Intermeios, Facep, ESPM, 2015.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. (Org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- FREIRE FILHO, João. **Fazendo Pessoas Felizes: o poder moral dos relatos midiáticos**. XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, em junho de 2010.
- LIPPMANN, W. **Estereótipos** In: STEINBERG, Ch.(org.) *Meios de comunicação de massa*. SP: Cultrix, 1972.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PERFEITO, Denise Gasparini. **O discurso do bem-estar na revista Vida Simples: simplicidade ou sofisticação?**. 2016. Dissertação. UFSCar, São Carlos.
- REGINATO, Gisele Dotto. **Em busca da complexa simplicidade: o consumo no discurso jornalístico da Revista Vida Simples**. 2011. Dissertação. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação Comunicação, RS.
- RÜDIGER, Francisco. **Literatura de autoajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea**. Porto Alegre: Ed. URGs, 1996.